A Rádio-Escola na Mudança da Percepção da Juventude[1]

Alessandra Oliveira Araújo[2]
Universidade de Fortaleza

Resumo
O artigo analisa como vinte e nove jovens, que entraram no trabalho precocemente, constroem seu próprio conceito de juventude através da produção de programas de rádio. Os materiais de pesquisa utilizados foram as avaliações que fizemos durante a formação dos jovens em rádio-escola, o meu diário de campo e os dezesseis programas produzidos entre 2005 e 2008. Ao pesquisar os assuntos dos programas, percebi que os jovens falavam deles mesmos e da imagem que tinham da juventude. Então, fiz um paralelo entre a visão da juventude apresentada nos programas e as definições das correntes geracional e de classe, que desenvolvem o conceito de juventude como fase da vida ou conflitos de classes. Outro ponto analisado foi como os jovens mudaram a visão que tinham sobre eles mesmos ao produzir e avaliar os programas de rádio.

Palavras-chave
Juventude; rádio; trabalho infantil; educação; rádio-escola.

1. Adolescência ou Juventude?

Neste artigo, discutirei a categoria juventude a partir da imagem que um grupo de jovens construiu da temática ao produzir programas de rádio que problematizam suas vidas e seus assuntos de interesse. Os programas foram produzidos durante oficinas de rádio-escola desenvolvidas com vinte e nove jovens que vivem nos bairros Serviluz, Castelo Encantado e Mucuripe, periferia de Fortaleza, e que entraram no trabalho precocemente. A formação em rádio-escola, em que fui mediadora entre 2005 e 2008, foi desenvolvida pelo projeto Segura Essa Onda, da ONG Catavento Comunicação e Educação na sede Associação Curumins, Organização Não Governamental que desenvolve atividades com crianças e adolescentes que estavam trabalhando, firmando uma parceria entre as duas instituições.

A primeira oficina com os jovens aconteceu no dia quatro de outubro de 2005 e, como a maioria tinha quatorze anos, resolvemos iniciar as atividades com um debate sobre como identificavam-se como grupo, como eram vistos pelos meios de comunicação e pelos adultos. A mistura que os próprios participantes faziam entre os termos "adolescência" e "juventude", quando iam se referir ao grupo de que faziam

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Professora de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza, Unifor. Mestre em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da UFC, membro do Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas – DIAFHNA – CNPq. e-mail: alessandraoliveira@unifor.br.

parte, motivou a reflexão sobre qual categoria de análise deveria ser desenvolvida durante a pesquisa: adolescência ou juventude?

Segundo Melucci (1997, p.08), a adolescência é a porta de entrada para a juventude, é sua fase inicial, quando a percepção do tempo se torna mais consciente e o futuro um campo aberto de possibilidades. Então, resolvi pensar a adolescência como um período de afirmação e identificação do jovem, momento em que os conflitos, sonhos e perspectivas de futuro são percebidos e os sujeitos passam a participar e construir o cenário juvenil.

Ao ouvir os programas de rádio percebi que a turma de vinte e nove meninos e meninas da formação em rádio-escola tinha seu próprio conceito de adolescência, fazendo uma contraposição com a condição biológica e aproximando com a proposta de Melucci de pensar a adolescência como uma "definição cultural" de abertura às possibilidades, de incertezas e tomadas de posição que podem fazer "parte de sua personalidade em várias fases da vida" (1997, p.09).

A turma de adolescentes tinha, em média, quatorze anos quando a experiência de rádio-escola foi desenvolvida. A identificação com a juventude como um grupo em que participavam estava latente, como demonstra o *jingle*[3] feito pelas duas garotas durante a produção de uma rádio-revista[4] sobre adolescência.

> Tem adolescente que é pichador
> Tem adolescente que quer ser doutor
> Nem todo adolescente vive na malandragem
> Nem todo adolescente respeita a sociedade
> Adolescente não é aborrecente...

O trecho demonstra a necessidade de reconhecimento do grupo e de suas heterogeneidades, aproximando a concepção que possuem de adolescência com a demanda dos grupos juvenis que está no foco das discussões dos estudos sobre as juventudes contemporâneas, como analisa Helena Abramo ao falar das transformações das pesquisas sobre juventude a partir dos anos de 1970 e 1980:

> O cenário juvenil se diversifica, inclusive com manifestações produzidas por grupos de origem sociais as mais distintas. É então que a sociologia começa a insistir na necessidade de falar de várias *juventudes*, a fim de contemplar as inúmeras diferenciações sociais que a condição juvenil atravessa (1994, p. 56).

[3] Mensagem cantada.

[4] Rádio-revista é um programa composto por vários formatos radiofônicos como notícia, rádio-teatro, *jingle* e enquete.

O conceito de juventude passa a ser definido por suas heterogeneidades, pelas diferenças culturais, de classe, de interesses e de identificações. Daí a utilização do termo juventudes no plural. Mas é importante ressaltar que existem elementos comuns entre os grupos juvenis, mesmo diante de todas as heterogeneidades, a necessidade de comunicação é um deles.

A comunicação pode ser vista como uma necessidade de afirmação do grupo e da socialização de suas descobertas, inclusive a de que são jovens, como aconteceu com os adolescentes que participaram da formação em rádio-escola e tiveram esse momento de identificação com os cenários juvenis registrados pelos programas de rádio que fizeram em 2005 e 2006, quando a maioria passava dos quatorze para os quinze anos de idade e, depois, os novos programas feitos em 2008, quando a identidade juvenil já estava mais forte para aquele grupo.

As diferenças que tornam o grupo heterogêneo e as semelhanças que permitem o seu reconhecimento foram construídas durante o processo de formação e torna possível a análise da categoria juventude a partir do seu surgimento na vida dos sujeitos desta pesquisa que representam, problematizam e criam novas juventudes, utilizando um veículo de comunicação, por meio da problematização de suas falas, de suas experiências.

2. A juventude como problema

O que faz que a juventude ainda hoje seja encarada pela sociedade como problema? Eles mesmos se reconhecem como problema social? Quais suas questões?

> A juventude como problema social: eles são os problemas da inserção profissional, os problemas da falta de participação social, os problemas de droga, os problemas de delinqüência, os problemas com a escola, os problemas com os pais, só para focar alguns dos problemas socialmente mais reconhecidos como específicos dos jovens. Mas sentirão os jovens estes problemas como os seus problemas? (PAIS, 1996, p.26,27).

Uma pergunta semelhante à feita por Machado Pais gerou um longo debate entre o grupo de jovens comunicadores da rádio-escola. Depois que uma temática era escolhida pelo grupo, as mediadoras faziam uma discussão na tentativa de aprofundar e amadurecer o tema antes de seguir para a produção do programa. Assim, a escolha da temática "adolescência" gerou o debate do que seria adolescência e o que seria juventude.

Começamos discutindo quem é o jovem que vive na periferia. As repostas, todas negativas, descreviam um jovem marginal, cheio de problemas e com respostas sempre negativas às situações adversas. Mas quem é este jovem? Ele estava representado em algum dos comunicadores que estavam na sala? As respostas negativas motivaram o debate que culminou na reflexão de que o jovem que descreveram foi criado pelos meios de comunicação de massa. "A televisão acha que os jovens não merecem uma juventude com amor", falou um garoto durante o debate, "querem fazer da juventude uma desgraça", disse outro[5]. Avalio que a indignação foi gerada principalmente por reconhecerem que eles mesmos repetiam o discurso da mídia contra sua própria imagem, é o que Freire chama de "justa raiva", que "se funda na minha revolta face à negação do direito de 'ser mais' inscrito na natureza dos seres humanos"(1996, p.75).

Após o debate iniciamos o processo de produção e foi possível perceber, por meio das abordagens escolhidas, como estes jovens vivenciaram experiências semelhantes, moravam nos mesmos bairros, conviveram em outros momentos, tiveram sonhos parecidos, participavam de uma mesma classe social que os faz consumidores das mensagens, mas não dos produtos vendidos nos meios de comunicação de massa. Então, vi que existe uma identificação entre suas histórias que os tornavam integrantes de um mesmo grupo.

3. Fase da vida ou relações de classe?

Mas a singularidade do grupo pesquisado é marcada por eles viverem uma mesma fase da vida ou por participarem de uma mesma classe social? A pergunta leva às duas principais correntes dos estudos sobre juventude: a "corrente geracional" e a "corrente classista".

Segundo Pais (1996), a "corrente geracional" teve forte influência da sociologia funcionalista, que desenvolve o conceito de juventude a partir das descontinuidades intergeracionais, caracterizando-a como fase da vida.

> Isto é, para a *corrente geracional*, as experiências de determinados indivíduos são compartilhadas por outros indivíduos da mesma geração, que vivem, por esse fato, circunstâncias semelhantes e que têm de enfrentar-se com problemas similares (PAIS, 1996, p.40).

A perspectiva funcionalista discute a socialização dos jovens como um processo em que vão integrando o corpo social de acordo com a assimilação de normas e valores. O papel destinado aos jovens é de adaptação, deixando de lado outros elementos

[5] Citações retiradas das anotações do meu diário de campo.

formadores da juventude como o conflito de classes e a sua possibilidade de questionar e transformar a ordem social.

O mesmo aspecto de integração social foi abordado pela sociologia funcionalista ao desenvolver um dos primeiros estudos sobre os meios de comunicação. Segundo essa visão, os meios de comunicação surgiram como a satisfação de uma demanda social por informação e apenas representam a sociedade, apesar de reconhecer que a sociedade possui necessidades difusas.

> O desenvolvimento dos meios de comunicação e do próprio jornalismo são analisados como processos independentes em relação ao desenvolvimento global das forças produtivas e da luta de classes, ou seja, apartados do movimento histórico em seu conjunto. Ao contrário, os meios de comunicação são tomados apenas como "função orgânica" da sociedade capitalista contemporânea, entendida esta como paradigma do progresso e da normalidade (FILHO, 1996, p.02).

Segundo Adelmo Genro Filho, a visão funcionalista é redutora por pressupor que as informações teriam o papel de reproduzir e reforçar a ordem social devendo contribuir para integrar os indivíduos à sociedade. Os meios de comunicação seriam, assim, um instrumento para a socialização dos jovens, para a superação do seu caráter desviante, informando e reproduzindo as normas sociais em que deveriam enquadrar-se.

Mas, se por um lado a "corrente geracional" analisa a juventude como uma fase transitória, de adequação às normas sociais, também discute a "juvenilização" da sociedade, que seria "o poder de influir no mundo adulto, ao propor pautas e estilos de conduta que os mais velhos aceitariam, muitas vezes, com avidez" (PAIS, 1996, p.43).

Outro ponto de destaque é o alargamento da transição para a fase adulta que estamos presenciando nos últimos anos. As reformas educacionais que ampliaram o tempo de permanência na escola e o desemprego juvenil são alguns dos motivos para esse alargamento, já que a transição para a vida adulta pode ser marcada por três etapas fundamentais, "delimitadas pela partida da família de origem, pela entrada na vida profissional e pela formação de um casal" (SPOSITO, 2003, p.21).

Mas, como afirma Sposito (1997), devido às condições socioeconômicas do Brasil, muitas vezes, os jovens entram de maneira precoce no mundo do trabalho para ajudar suas famílias e não para forma um novo casal. Os dados da pesquisa sobre o perfil da adolescência e juventude brasileiras (ADOLESCENTES, 2007, p.48) mostram que vinte e seis por cento (26%) dos jovens de quinze anos entrevistados estão trabalhando.

Para jovens das camadas empobrecidas, a entrada no mundo do trabalho pode representar mais uma questão de classe social do que um elemento de transição para a vida adulta. "Nos moldes em que é realizado, o trabalho torna-se mais fonte de renda do que uma atividade que contribui para a realização profissional" (DAMASCENO, 2001, p.11).

Os jovens produtores dos programas que estão sendo analisados neste artigo tiveram uma entrada precoce no trabalho e já passaram pelos mais diversos ofícios, de catadores de latas de alumínio a vendedores de queijo na praia. A semelhança entre cada trabalho era a situação de informalidade, o baixo retorno financeiro e a necessidade de destinar quase todo dinheiro que apuravam para a sobrevivência da família e o ofício desempenhado, muitas vezes, era motivo de vergonha por relacionarem a condição degradante de trabalho com a imagem que as pessoas poderiam ter de suas vidas.

Mais do que um elemento de transição para a vida adulta, a entrada no mundo do trabalho para estes jovens marca as diferenças de classe existentes na sociedade. Assim, uma das principais críticas à "corrente geracional" foi a de que ela não dava conta dos conflitos entre classes que, para a "corrente classista", era o que formava o conceito de juventude.

> Para a corrente *classista*, as culturas juvenis são sempre culturas de classe, isto é, são sempre entendidas como produto de relações antagônicas de classe. Daí que as culturas juvenis sejam por esta corrente apresentadas como "culturas de resistência", isto é, culturas negociadas no quadro de um contexto cultural determinado por relações de classe. Por outras palavras, as culturas juvenis seriam sempre "soluções de classe" a problemas compartilhados por jovens de determinada classe social (PAIS, 1996, p.48).

A "corrente classista" faz uma crítica a chamada característica "desviante" dos grupos juvenis, afirmando que se existe um grupo que possui uma característica desviante é porque existe outro, dominante, que dita as regras sociais de acordo com os seus interesses. Os grupos juvenis teriam, dessa forma, um importante papel em lutar contra a hegemonia das classes dominantes. As roupas, as músicas, as linguagens e as estratégias de comunicação seriam respostas culturais contra a repressão social que estava instalada na luta de classes. O desvio seria relacional e não eminente.

Apesar da "corrente classista" analisar a juventude como uma questão de classe, deixando de lado outras dimensões do cotidiano também formadoras das culturas juvenis, a luta contra a hegemonia e as representações culturais construídas com o intuito de fazer uma oposição às normas sociais são elementos que contribuem para a formação dos cenários juvenis.

A concepção das culturas juvenis como espaços de resistência foi desenvolvida pelo conceito de subcultura, criado pelos estudiosos do Centre for Comtemporary Culrural Studies (CCCS), da Universidade de Birmingham, Inglaterra, em meados dos anos sessenta e setenta (60 e70). "Essas subculturas são vistas como modos de elaboração e projeção de respostas culturais aos problemas colocados pela especificidade do grupo no interior da classe de origem" (ABRAMO, 1994, p.35).

Os estudos do CCCS foram fortemente influenciados pelo conceito de hegemonia desenvolvido por Gramsci, que aponta para a possibilidade de transformação do poder hegemônico. Mais do que um domínio direto, Gramsci discute como a classe dominante utiliza a sedução para impor uma visão de mundo, tornando a estrutura de dominação mais eficaz. Os meios de comunicação seriam instrumentos de divulgação e reprodução condutas que deveriam ser seguidas.

Mas, o poder exercido pela classe dominante pode entrar em crise quando os outros segmentos sociais deixarem de concordar com sua visão de mundo, o que "significa aqui que não há hegemonia, mas, sim, que ela se faz e desfaz, se refaz permanentemente num 'processo vivo', feito não só de força, mas também de sentido, de apropriação de cumplicidade" (MARTÍN-BARBERO, 2001, p.116). Se os meios de comunicação eram instrumentos de manutenção do poder, podem passar a ser meios de subversão, representando anseios de mudança e contribuindo para a transformação social.

A comunicação seria um campo de batalha cultural, já que é uma ferramenta de dominação, mas também de conflito. Os estudos de hegemonia desenvolvidos por Gramsci transformaram os conceitos de dominação e de passividade do receptor até então hegemônicos nas teorias da comunicação.

> O aporte gramsciano tornou possível inverter o sentido da idéia – *a comunicação como processo de dominação* – até então hegemônico na visão "crítica" dos pesquisadores da comunicação, na América Latina dos anos 70. Assim, Martín-Barbero passa a propor, no final dessa mesma década, a inversão da *dominação como processo de comunicação*, pois a dominação é, também, atividade e não pura passividade do "dominado" (ESCOSTEGUY, 2001, p.93).

Os elementos das culturas juvenis podem ser formas de oposição ao poder hegemônico, mas também são representações deste mesmo poder. Como a classe hegemônica utiliza a sedução para manter-se no poder, existe um constante movimento de apropriação das culturas "contra-hegemônicas", principalmente pelos meios de comunicação. Os elementos de oposição passam a ser consumidos, institucionalizados.

"Trata-se de uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo em que a juventude consume o que é oferecido como cultura jovem, também recria identidades para demarcar diferenças em relação às representações que os meios de comunicação veiculam" (GUMES, 2003, p.11).

4. Juventude e Comunicação

Se, por um lado, os elementos das culturas juvenis converteram-se em objetos de consumo, por outro, as juventudes são influenciadas pela representação que os meios de comunicação faz delas. Segundo Nestór García Canclini, as novas tecnologias remodelam a sociedade, criando novas identificações, mas sem que sua própria identidade seja negada, ou seja, os jovens dos bairros populares podem gostar dos mesmos programas de televisão do que os de classe média, podem visitar os mesmos *sites* e gostar dos mesmos jogos, mas a apropriação das novas tecnologias é desigual.

> Há tecnologias de diferentes signos, cada uma com várias possibilidades de desenvolvimento e articulação com as outras. Há setores sociais com capitais culturais e disposições diversas de apropriar-se delas, com sentidos diferentes: a descoleção e a hibridação não são iguais para os adolescentes populares que vão às casas públicas de vídeo games e para os de classe média e alta que os têm em suas casas (CANCLINI, 2003, p.308)[6].

Percebi a diferença marcante entre a apropriação das novas tecnologias ao ouvir os relatos dos jovens que participavam da formação em rádio-escola que voltavam andando para casa, um percurso que demorava entre vinte e trinta minutos, para pagar uma hora na *lan house*[7] do bairro com o dinheiro que ganhavam da ONG Catavento para voltar para casa de ônibus.

Se a apropriação das novas tecnologias é desigual, o consumo e as estratégias para a aquisição das mercadorias também serão. O trabalho é visto pelos jovens da rádio-escola como uma forma de tornarem-se consumidores. "Quando eu trabalhava, eu tinha tudo na minha casa, quando a gente queria tomar um danone tinha", fala uma das jovens que completa dizendo que "agora, se a gente quiser uma saia nova, tem que se rebolar pra comprar" (Programa sobre trabalho infantil, gravado em 2006).

As formas de representação também são diversas. "Quanto maior a ausência do Estado, no que se refere à oferta de equipamentos destinados à participação, à cultura e

[6] A hibridação é a incorporação de aspectos de outras culturas na sua, criando novas estruturas e práticas e a descoleção é a possibilidade de renovação dos repertórios culturais que as pessoas passaram a ter depois da massificação das novas tecnologias, contribuindo para uma desierarquisação das culturas.

[7] Casas de jogos e de acesso à internet.

ao lazer juvenil, tanto mais a rua adquire relevância em suas dimensões socializadoras" (DAMASCENO, 2001, p.10). Se a rua é tida como espaço de socialização entre os jovens das periferias, também é lá onde são criadas novas formas de representação. Muitas expressões juvenis foram criadas nos espaços das ruas, dos bairros.

O *hip hop* é um exemplo de uma expressão juvenil que nasceu nas ruas, "como um contraponto à miséria, às drogas, ao crime e à violência" (SOUZA org., 2005, p.13). Dos guetos do Bronx, em Nova Iorque, em 1970, para as ruas do mundo, o *hip hop* tornou-se uma forma das juventudes darem suas versões dos seus contextos, de suas histórias, passassem a dialogar seus sonhos e as possibilidades de mudanças que encontravam ou que pretendiam construir.

Durante a formação em rádio-escola, uma equipe do grupo de jovens fez um programa chamado Mirim Olodum que falava sobre *hip hop*. Os bailes, a imagem negativa que muitos tinham da música, as danças e a identificação de muitos jovens com o *hip hop* foram temas discutidos durante o programa.

Jovens das mais diversas periferias do mundo estão encontrando no *hip hop* uma forma de expressão, de identificação e de diálogo entre jovens de realidades tão diversas e tão parecidas. Os novos estudos de juventude falam sobre das heterogeneidades, afirmam que a categoria deveria ser abordada no plural, por ser formada mais pelas diferenças do que pelas semelhanças que existem nos grupos juvenis. Mas será que privilegiando as diferenças não estamos deixando de lado as semelhanças? A identificação que falamos, dos jovens que vivem nas periferias, com o *hip hop* reforçaria, então, a "corrente classista" que definia as expressões juvenis como formas de resistência contra problemas de classe?

5. Temáticas da juventude

As temáticas dos programas produzidos por jovens da rádio-escola mostram que a questão de classe é tão marcante quanto as características geracionais. A entrada precoce no trabalho, as dificuldades de obtenção de bens de consumo e as formas de socialização criadas na rua são exemplos de identificações de classe presentes no grupo.

Mas outros temas trazidos pelos programas mostram que o grupo possui questões que também identificam a fase da vida que estão vivendo. As incertezas, o conflito com os adultos, principalmente com os pais, e as descobertas que estavam

vivendo, aproximam a concepção da juventude como uma fase da vida, mas como uma definição cultural e não como uma condição biológica.

> Não há, de fato, um conceito único de juventudes que possa abranger os diferentes campos semânticos que lhe aparecem associados. Há diferentes juventudes e a diferentes maneiras de olhar essas juventudes corresponderão, pois, necessariamente, diferentes teorias (PAIS, 1996, p.37).

Por isso, prefiro não optar por uma corrente ou outra, mas deixar que a análise dos programas vá mostrando os elementos que compõem a categoria juventude, levando em conta tanto as heterogeneidades quando as semelhanças, tanto a questão de classe, quanto a geracional.

As temáticas dos programas, escolhidas pelos próprios jovens, mostram que eles querem discutir questões diferentes das comumente destinadas aos jovens. A violência aparece em apensas dois programas, enquanto os outros quatorze falam de amor e a solidão, felicidade, lazer e música e trabalho infantil.

a) Violência

A relação entre juventude e violência foi tema de uma rádio-revista. “Muitas pessoas vêem turistas sendo assaltados por adolescentes ou adultos. A maioria dos assaltos acontece na praia e nas ruas do Serviluz” (Programa Legal sobre violência), descreve uma notícia.

Uma outra rádio-revista também discute a violência na periferia de Fortaleza. As respostas da enquete que perguntava a outros jovens como acabar com a violência demonstrou que eles têm os jovens como os principais causadores da violência nas periferias, como podemos observar nas respostas: “mais oportunidades para os jovens”, “eu acho que a galera podia estudar mais no lugar de comprar drogas e ficar matando uns os outros por causa de besteira” (Programa Livre sobre violência).

Depois de ouvir os programas, analisamos a visão que tinham da juventude da periferia. Discutimos a grande abordagem da mídia ao falar de violência, principalmente quando praticada por jovens, e a construção de uma imagem da juventude em que não se identificavam. Discutimos também lugares taxados como espaços tipicamente violentos e que, como frequentadores, sabiam que existia um certo exagero nessa afirmação.

O debate culminou na produção de um novo programa sobre baile *funk*. Alguns dos jovens eram frequentadores de bailes e afirmavam que a violência estava mais na visão de pessoas que nunca tinham ido do que o que realmente acontecia naqueles

espaços. "Galera, a maioria das pessoas acha que em baile *funk* rola muita violência, mas nesse programa vamos descobrir que nem sempre as coisas são assim" (Programa Mirim Olodum), anuncia o comunicador. No decorrer do programa, os jovens discutem que, de fato, acontecem brigas nestas festas, mas a maioria das pessoas vai "curtir os rap e admirar as gatas", como afirma um dos entrevistados.

A análise crítica das suas produções propiciou uma mudança de postura ao abordar o tema violência. Algumas reações puderam ser observadas nos outros programas como o cuidado ao discutir o tema e o interesse em contextualizar os fatos, em contar as histórias dos jovens que usam drogas e passaram a assaltar turistas, no lugar de apenas contar o fato como na notícia citada acima.

b) Amor e solidão

"Meu coração tem segredos que movem a solidão", canta a música do conjunto musical Detonautas[8] que abre o programa sobre amor e solidão. Dois comunicadores interpretam a música e dão um recado para os ouvintes: "se você está sozinho, abra os olhos e veja a solução e, para acabar com a solidão, se abra para o amor" (Disco-debate sobre amor).

O medo de ficar sozinho, sem namorado e, principalmente, sem amigos foi discutido em quatro dos dezesseis programas feitos pelos jovens no período da formação em rádio-escola. O rádio-teatro "Menino Solitário" conta a história de um garoto que não tinha amigos. O trecho a seguir mostra a importância da amizade para os jovens, a necessidade de companhia e o medo da rejeição enfrentado pelo garoto do sociodrama e, certamente, pelos jovens que criaram a história:

> - Você já olhou para essa sua cara solitária?
> Quando Margarida falou aquelas palavras Pedro ficou muito triste e foi logo falando:
> - Minha cara é solitária, porque eu não tenho nenhum amigo pra brincar.
> Quando Pedro falou aquelas palavras, Tiago foi logo perguntando:
> - Pedro, você quer ser meu amigo e da Margarida? A gente vai tratar você muito bem como nosso amigo.
> E Pedro respondeu muito alegre:
> - Sim! Eu quero muito ser seu amigo.
> Mas quem não ficou muito feliz foi a Margarida. Mas passou vários tempos e Pedro, Margarida e Tiago ficaram amigos de verdade. (Programa Legal sobre amor e solidão)

[8] Música "O dia que não terminou", composição de Tico Santa Cruz, da banda Detonautas. Álbum musical Roque Marciano, faixa 03.

Machado Pais (1996) fala da importância que os jovens dão às amizades como um "signo geracional" das culturas juvenis. Contradizendo alguns estudos que evidenciam a questão do consumo e creditam características como o individualismo ao novo cenário juvenil. No bojo da solidão, foram discutidos outros temas como o amor e a felicidade.

O primeiro amor, as relações afetivas e a perda da virgindade representavam momentos em que os jovens estavam vivendo e sentiam a necessidade de discutir. "Qual o momento ideal para perder a virgindade?" "Existe amor à primeira vista?" Os questionamentos debatidos nos programas mostram uma imagem romântica das relações. O jargão "e foram felizes para sempre" representa o desejo das meninas de encontrar um príncipe encantado, de serem "resgatadas" do local em que vivem. O encontro do príncipe encantado, muitas vezes, representa a possibilidade de "mudar de vida", de ascensão social.

Um sério problema é que, muitas vezes, a condição social desfavorável das garotas as coloca numa situação de vulnerabilidade. O relato de uma jovem, durante a gravação de um programa de debate, falando que estava arrependida de não ter aceitado o convite para morar na Europa, com a promessa de viver um "conto de fadas", levanta um problema de classe que tem como uma das consequências a exploração sexual de crianças e adolescentes[9]. A condição social é a principal causa da exploração sexual, já que "a maioria das vítimas atendidas são meninas, em geral oriundas de famílias com renda até ½ salário mínimo" (EXPLORAÇÃO, 2007, p.17).

Tanto para as meninas quanto para os meninos, o amor possui uma dimensão formadora de sua felicidade, o desejo de encontrar um grande amor, de namorar "sério" foi levando durante uma entrevista que começava com a pergunta: "qual a importância do amor em sua vida?" (Programa Livre sobre amor).

A relação entre amor, amizade e felicidade também foi discutida em outro programa. "Eu acho que para ser feliz eu preciso de mais amigos" (Programa sobre felicidade), fala um dos comunicadores durante o programa. Para Josso, o amor é um elemento fundamental que compõe a felicidade: "dado ou recebido, sob todas as formas (...) não há narrativa em que esta componente não esteja presente, tanto de forma manifesta como subentendida" (2004, p.92). A felicidade, muitas vezes, está associada à

[9] A exploração sexual acontece quando existe a troca de algum bem por relações sexuais com crianças ou adolescentes.

busca da felicidade coletiva como elemento fundamental para a realização da felicidade individual.

c) Música e lazer

> O lazer, para os jovens, aparece como um espaço especialmente importante para o desenvolvimento de relações de sociabilidade, das buscas e experiências através das quais procuram estruturar suas novas referências e identidades individuais e coletivas (ABRAMO, 1994, p.61 e 62).

Antes local de trabalho, depois espaço de lazer. A praça, o bairro e as festas foram tema de um programa sobre o Serviluz e outro sobre música. Os horários de encontro e o que faziam quando "não faziam nada", são elementos que apontam para o reconhecimento do cenário juvenil.

Mas, para os jovens comunicadores do Serviluz, Castelo Encantado e Mucuripe, um mesmo local pode guardar relatos de diversão e de trabalho. A festa tanto é um espaço de paquera, de sociabilidade, de reconhecimento dos grupos pelas músicas de que gostam, quanto pode ser um local em que catavam latas de alumínio das cervejas e refrigerantes consumidos por outros jovens.

O trabalho e o lazer são misturados nos seus relatos, tanto que, em alguns programas, principalmente de debate, que são gravados de forma espontânea e os roteiros apenas apontam questões as quais podem ser discutidas, sem impedir o fluxo da discussão, fica difícil discernir se estão falando sobre lazer ou sobre trabalho. "Quando a gente ia pras festas a gente aproveitava para catar latinha" (Programa de Debate Trabalho Infantil).

Os locais de lazer também estão relacionados com o tipo de música de que gostam, como é o caso dos jovens que se identificam com o *hip hop* e costumam frequentar bailes de *rap*. "Boa parte da diversão desses jovens tem na música um dos seus principais elementos, seja para ouvir, para dançar ou tocar" (ABRAMO, 1994, p. 66) como podemos ver no *jingle* produzido sobre esta temática:

> E aí galera, escuta o que eu vou dizer:
> Música e dança têm haver com você.
> Música tem um estilo muito radical,
> Pra você que não sabe música é legal.
> E aí galera, ainda tem a dança:
> A dança vem da música e a música vem da dança.
> (Jingle transmitido no Programa Sintonia Jovem)

Muitos garotos encontram na música uma forma de representação de suas identidades culturais ao compor suas próprias canções e veicula-las na rádio escola.

6. A mudança da percepção dos jovens sobre eles mesmos

Dois anos depois da gravação dos programas analisados neste artigo, reencontrei os jovens que os produziram e fizemos uma análise de como a experiência de falar sobre suas histórias, seus sonhos e suas temáticas de interesse foi formadora para cada um deles. Em seus relatos, podemos notar como o processo de produção de programas sobre a violência, o amor e a solidão, a felicidade, o lazer e a música os ajudou a desenvolverem uma visão crítica sobre estes assuntos.

Como os programas também contavam suas histórias de vida, a audição das gravações em 2008 geraram um debate sobre como narrar suas experiências em programas de rádio os ajudou a tornarem-se autores de suas histórias.

Ao falar sobre como a experiência de produzir programas de rádio foi formadora para sua vida, um jovem relatou que, depois de cinco anos na mesma série, sem conseguir alfabetizar-se, aprendeu a ler e escrever para fazer os roteiros dos programas de rádio e falar sobre os assuntos de que gostava. “Quando entrou o projeto de rádio-escola foi nesse projeto que eu aprendi a ler porque eu não sabia”(Relato gravado em 2008).

Em 2006, o programa de rádio “Na Boca no Trombone”, que fez críticas à Associação Curumins, resultou na melhoria da merenda, uma das principais queixas dos jovens, mostrando como suas falas poderiam gerar mudanças. “A gente viu que podia mudar”(Relato gravado em 2008), “com a rádio-escola a nossa voz tinha mais força”, completa.

A experiência de rádio-escola contribuiu para que os jovens percebessem que a comunicação pode gerar mudanças, que ser comunicador era uma forma de intervir no mundo, no seu contexto e, quem sabe, em sua vida. “Quando estou na rádio-escola me sinto uma comunicadora” (Relato gravado em 2008). Então, perguntei o que era ser uma comunicadora e a jovem respondeu que era “falar o que queria” e que se desenvolveu muito durante a formação, aprendeu que podia falar, que tinha voz e que sua fala tinha importância.

A rádio-escola é vista como um espaço de participação da juventude, onde podiam falar o que queriam e do jeito que queriam, usar sua linguagem suas expressões, onde podiam dar sua versão de suas histórias, criar uma nova imagem da juventude. “Tem muitos programas que falam sobre os jovens, mas como violento”(Relato gravado em 2008), o jovem completa que a juventude era o assunto predileto dos seus programas

em 2005 e 2006, mas uma juventude com responsabilidade, com muita preocupação e ao mesmo tempo feliz.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

ADOLESCENTES E JOVENS DO BRASIL. Brasília: UNICEF/ Instituto Ayrton Senna/Fundação Itaú Social, 2007.

CANCLINI, Néstor García; tradução Heloísa Pezza Cintrão. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sais da modernidade.** 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

DAMASCENO, Maria Nobre; MATOS, Kelma Socorro Lopes; VASCONCELOS, José Gerardo (org.). **Trajetórias da juventude**. Fortaleza: LCR, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: guia de referência para a cobertura jornalística. Brasília: ANDI, 2007.

FILHO, Adelmo Genro. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo.** São Paulo: Tchê!, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 29ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUMES, Nadja Vladi Cardoso. **RG Jovem: culturas juvenis e a formação das identidades da juventude.** Intercom, 2003.

JOSSO, Marie-Christine; tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. **Experiência de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sociais.** Revista Brasileira de Educação. n.5 mai/jun/jul/ago, 1997, p. 05-14.

PAIS, J. Machado. **Culturas juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996.

SOUZA, Jusamara; FIALHO, Vânia Malagutti; ARALDI, Juciane. **Hip hop: da rua para a escola.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

SPOSITO, Marília Pontes. **Estudo sobre juventude em educação.** Revista Brasileira de Educação, nº 5: 37-52. São Paulo, ANPED, 1997.

SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas.** São Paulo: Ação Educativa, 2003.